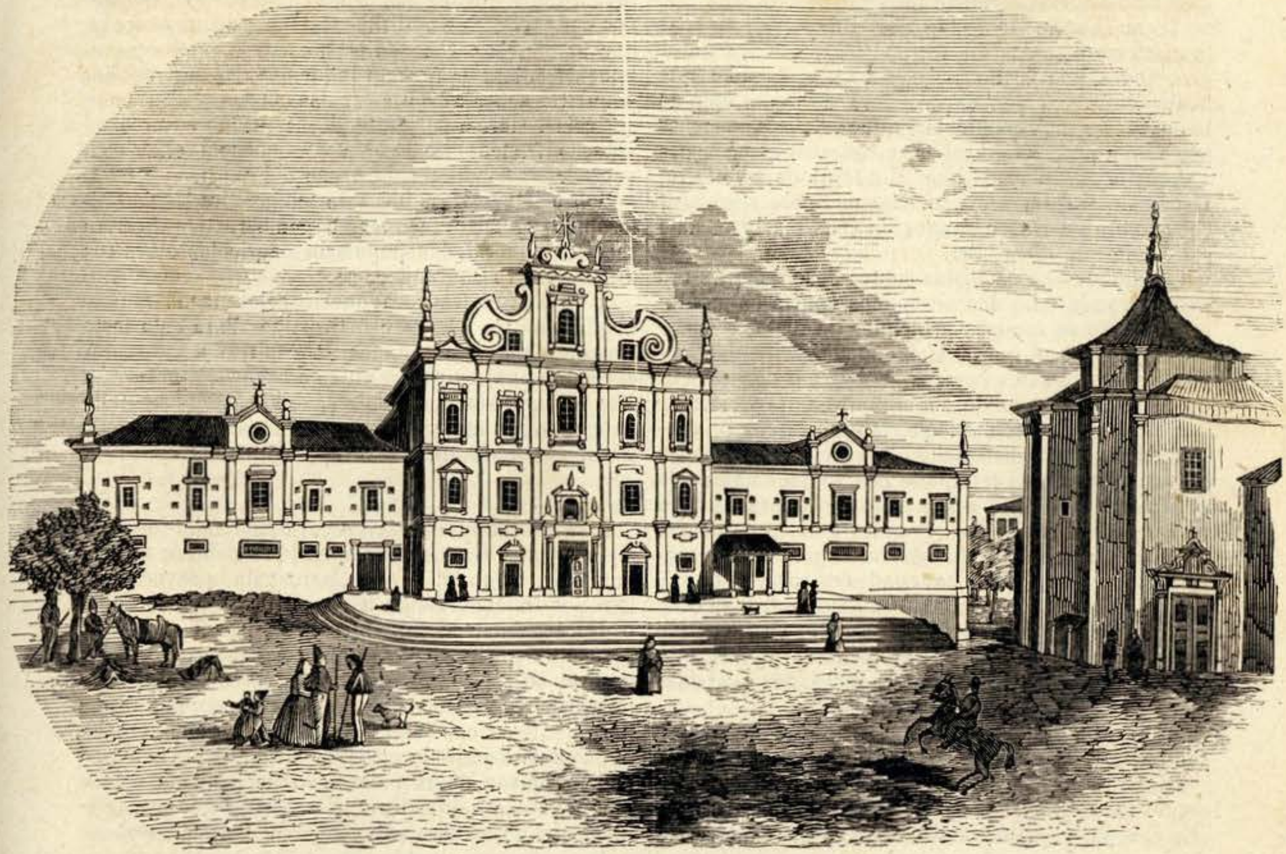


Santarem. Seminario patriarchal.—Desenho de Bordalo.—Gravura de Flora.

A villa de Santarem está quasi no centro da provincia da Estremadura, sobre a margem direita do Tejo, cêrca de 15 legoas da sua foz, em situação elevada, pittoresca e aprazivel. Tem tres grandes bairros. O maior, chamado Marvila, fica na parte superior e plana da montanha. É guarnecido de cêrca ameiada com torres e cubellos, e n'alguns sitios com barbacãs. A antiga cêrca tinha muitas portas, cujas principaes eram as de Tamarma, de Leiria, do Postigo, de Manços, do Sol, e de S. Tiago. No declive dos montes á borda do Tejo estão os outros dois bairros da Ribeira e de Alfange.

Entre os nobres e antigos edificios de Santarem deve contar-se o seminario patriarchal, que a nossa gravura representa. Era o antigo collegio dos jesuitas, que n'aquella villa entraram em 7 de maio 1621 sob o reitor padre Mathias de Sá, e habitaram primeiro, em fórma de hospicio, umas casas contiguas á ermida de Santo Antão no caminho que vae para o logar de S. Lazaro; e após outras, proximas á ermida de S. Sebastião, a pouca distancia do logar em que depois fundaram o seu collegio. O fidalgo D. Duarte da Costa, armeiro mor, foi quem fez doações para essa fundação, e ainda muito antes de se dar principio á obra professou na companhia. D. João IV doou aos padres os seus paços reaes, unicos que os reis alli tinham, e estavam junto á porta de Leiria, que era na passagem que hoje fica entre a Piedade e o collegio.

Logo depois de recebidas aquellas doações, passaram os padres da ermida de S. Sebastião para os paços, e ahi se accommodaram. No dia em que se disse a primeira missa na egreja que alli quasi improvisaram, e que mais tarde se chamou egreja velha, houve grande solemnidade religiosa, em que prégou o eloquentissimo padre Antonio Vieira. Passados annos deram começo á fabrica da egreja nova, que é a que agora existe, e se acabou em fins de 1679, com o orago de Nossa Senhora da Conceição. É grande e de uma só nave. O altar mór é de rico mosaico, e das oito capellas lateraes que tem, o altar d'uma é de marmore finissimo.

O elevado e desassombrado frontispicio da egreja olha para o nascente sobre uma formosa praça. A sua architectura é composita. Uma estatua da Virgem da advocação do templo, feita de barro e de quasi vinte palmos d'altura, occupa o nicho que adorna o remate do frontispicio. As imagens de Santo Ignacio de Loyola, S. Francisco Xavier, S. Francisco de Borja e Santo Estanislau povoam os quatro nichos que estão na ordem inferior.

As officinas e dormitorios do collegio, que não estava ainda todo acabado, eram vastos e até magestosos. N'elles está agora o seminario patriarchal, servindo a egreja tambem de freguezia.

ROUSSEAU E A REVOLUÇÃO FRANCEZA

VI

As doutrinas politicas e sociaes de João Jacques Rousseau condemnavam todos os governos da sua epocha. Não se sabe se, no meio da calma que havia

então, o seu fino instincto descobrira nos mugidos da opinião publica os signaes precursores da tempestade, ou se a sua elevada intelligencia advinhára, pela propria força, a miseria dos destinos publicos. Entretanto é digna de recordar-se esta nota que se lê no *Emilio*: — Tenho por impossivel, que as grandes monarchias da Europa logrem longa duração: todas tem brilhado, e todo o resplendor que brilha entra em declinação. Para a minha opinião tenho razões mais particulares que esta maxima; mas não vem a proposito dizel-as, e cada um as vê bem.»

Aquella revolução que Montesquieu, Voltaire, Rousseau, tinham previsto, chegou, para regenerar com a ruina e com o sangue de seus martyres uma sociedade que agonisava.

O odio dos holbachistas contra João Jacques era prenuncio do odio dos girondinos contra os montanhezes. São os mesmos principios de lucta, os mesmos interesses, e quasi, n'alguns accidentes insignificantes, os mesmos homens. Voltaire e o seu partido cuidavam que ainda havia muito a aproveitar na sociedade do seu tempo: queriam abalar os privilegios, destruir os beneficios da egreja, inaugurar a liberdade religiosa; teriam de boa vontade admittido a egualdade perante a lei; mas n'isto parava o seu zêlo pelas reformas. João Jacques tomava as cousas de mais alto: queria não sómente egualdade perante a lei, mas egualdade nas condições sociaes, isto é, egualdade na terra e no instrumento do trabalho.

Vê-se que a philosóphia se reproduz na revolução franceza com todos os seus promenores: nunca a influencia directa da idéa sobre o facto, das doutrinas sobre os successos, foi mais sensivel.

João Jacques communica á revolução franceza o sentimento religioso.

O clero erra, suppondo que a philosophia do XVIII seculo lhe destruíra o poder. O que lh'o destruiu foi elle mesmo, foi a sua dedicação ás cousas e interesses de um mundo que devia acabar. Se os philosophos obtiveram desde o principio influencia na opinião publica, deveram-no á injustiça dos preconceitos e das instituições que vinham combater. Atacaram na religião o que as cubiças humanas lhe tinham introduzido, estranho ás crenças primitivas; n'este ponto prestaram immenso serviço ao christianismo e ao clero catholico. Na egreja é que o materialismo estava. O espirito sacerdotal tinha por tal modo interessado o ceo nos seus calculos, nas suas ambições, na possessão dos bens temporaes, que nada se parecia menos com Deus, que o proprio Deus.

Acompanhemos agora na revolução franceza o movimento dos campos, o dos exercitos.

Antes de 93 que eram os campos de França? Esterilidade, desolação, morte. A agricultura desfallecia, falta de braços e capitaes. A terra fechára as entranhas, e negava-se a produzir. A sinistra visão das sete vaccas magras passava e repassava por cima d'aquelles sulcos estereis. Semeavam ociosidade, colhiam fome. As instituições tinham feito tudo para chegar a estes lamentaveis resultados: o trabalhador agricola pertencia á terra, a terra pertencia a algumas familias nobres, que acabavam de dissipar na corte de Versailles, no jogo e na licença, o patrimonio de seus maiores. A França tinha feito com a fome um pacto diabolico. Por ter descoberto e revelado este pacto, um homem benemerito, Elias de Beaumont, foi arrastado ás entranhas da Bastilha, d'onde saiu, como Jonas do ventre da baleia, não depois de tres dias, mas vinte e sete annos depois.

A primeira alliança da revolução franceza foi com a terra. Depois da declaração dos direitos do homem e do cidadão, depois do desenvolvimento das idéas philosophicas, depois, sobre tudo, da venda dos bens nacionaes, tudo muda, tudo renasce nos campos: é um movimento como jámais se víra. Nova classe de trabalhadores proprietarios brota, por assim dizer, do solo occupado até alli pela preguiça, pela miseria, pelo privilegio. Os encargos assoladores, que pesavam sobre o trabalhador dos campos, cáem, ao menos em parte, com os ultimos farrapos de um passado, que se dilacera. Quando economistas, que incessantemente fallam da funesta influencia dos movimentos populares sobre o bem estar das classes operarias ou agricolas, vierem perguntar-lhes: — Que é que a revolução franceza fez por vós? — podem ellas com verdade responder: — Deu pão á França.

Sob o imperio das idéas do tempo, tiradas da philosophia de João Jacques, o genio rustico do XVIII seculo, a moral das populações agricolas eleva-se; a sua posição engrandece-se.

A revolução franceza queria celebrar no mundo nupcias entre a terra e o trabalho. Para esta festa convidou todas as pompas do espirito nacional. A economia politica voltou então á cabana, á natureza. Não é culpa dos montanhezes, se lhes põem o cutello da guilhotina atravessado no caminho. Infelizmente d'esse cutello se tinham outros servido primeiro.

VII

A revolução franceza começára pelo amor: a principio amou o rei, os padres, e até os nobres: se acabou pelo odio, foi levada, arrastada, provocada a isso por inimigos implacaveis. Começára pela liberdade: acabou pela dictadura. De quem foi a culpa? Sessenta departamentos insurreccionados por espirito realista ou girondino; por toda a parte revoltas, por toda a parte resistencias; eis em que conjunctura os partidos reaccionarios lhe metteram na mão a espada. Podem deixar de absolver a repressão; mas não podem deixar de reconhecer a necessidade d'ella. Que foi então a dictadura? Um relampago, uma faisca electrica: brilhou entre dois cadafalsos. Condemnam-na, mas ella condemnou-se a si mesma: as violencias que lhe lançam em rosto ella propria as detestava. O terror não aspirava senão a extinguir-se na moderação e na humanidade. É um facto historico. No meio dos seus furores, a Convenção olhava para as granjas e para as choupanas, e procurava levar de novo a abundancia aos campos desolados pela guerra civil.

O auctor da *Historia dos girondinos* exclamou, que 93 fôra um idyllio manchado de sangue! Mas de que sangue? Sangue de conspiradores. É para lastimar que esse mesmo fosse derramado. Mas, é justo condemnar, por causa d'esse sangue, toda uma epocha, a sua gloria, os seus principios, a renovação do velho mundo? Nem o proprio Lamartine ousou tanto.

Qual é o sonho dos homens eminentes que dominavam a Convenção, essa assembléa cobarde e reaccionaria? Abolir no mundo, uma vez por todas, o reinado da força. Para acabar com a força, recorreram á violencia. Á espada, por toda a parte levantada, oppuzeram a espada; ao cutelo, o cutelo. Quizeram matar a dictadura com a dictadura, a morte com a morte. Á França feudal e monarchica, ainda armada de todas as armas para a dominação do forte sobre o fraco, impuzeram uma liberdade tyrannica, implacavel. Arrastaram a nação pelos cabellos para o sentimento dos seus direitos. Fizeram bem ou mal combatendo a guerra com a guerra? Fizeram bem ou mal applicando, nos primeiros tempos, á velha sociedade feudal e monarchica, a velha pena de talião; olho por olho, dente por dente, cabeça por cabeça? Fizeram bem ou mal, antes de semear de novo o campo da democracia, desenraizar o joio das antigas idéas, pelo ferro e pelo fogo? O futuro o julgará; o futuro dirá principalmente quaes eram os caracteres d'essa lucta.

O terror de 93 (ao mesmo tempo erro e desculpa) foi uma reacção ao terror religioso e monarchico. Perseguidores e martyres, os homens de 93 destruiram duas vezes o cadafalso. Destruiram-n'o, exercendo sobre os outros e sobre si mesmos os rigores de uma justiça que se gastava pelos seus proprios excessos. A morte violenta ia acabar. Todo o mundo sabe que em 9 de thermidor o systema do terror estava a ponto de se dissipar entre as mãos de Robespierre e de Saint-Just. Mignet concorda n'isso. São os moderados, os girondinos, os realistas, e alguns homens ferozes, que medrosos, levantaram o cadafalso. Não fallâmos só do terror do thermidor, mil vezes mais sanguinario que o outro; fallâmos de todas as vinganças, a que esta era de reacção abriu caminho, e que não acabaram senão em 1815 com o sangue dos ultimos soldados do imperio e da revolução.

VIII

Tem-se querido ver contradicção entre as doutrinas dos homens da revolução, e o seu governo. As suas doutrinas eram a paz, a fraternidade, a liberdade, a egualdade, a justiça, o respeito aos direitos e á personalidade humana. A sua politica é que foi a sua morte. Ahi está o contraste. Mas a reflexão fal-o desapparecer; porque, se era preciso destruir uma ultima vez a golpes de hacha, a golpes de dictadura, as velhas tyrannias implantadas desde seculos no solo, e que osbtavam á accessão das liberdades politicas sociaes e religiosas; destruidos esses obstaculos, a espada devia cair-lhes das mãos, e para sempre. Então devia começar a acção doce e tranquilla da nova instituição, fundada sobre o bem estar das cidades, sobre a abundancia dos campos, sobre o exercicio pacifico de todos os direitos, sobre a expansão de todas as faculdades humanas, sobre a liberdade na egualdade.

Aquelles homens tem sido julgados por seus inimigos pelo que fizeram e não pelo que queriam fazer. Hoje o terror envelheceu mais de meio seculo. Nunca visitastes esses museus d'armas, onde estão expostos, de edade em edade, de epocha em epocha, os instrumentos que tem servido para matar, instrumentos que prestaram serviços á civilisação e ao movimento das idéas, porque a guerra tambem foi necessaria em seu tempo? O terror é já uma d'essas armas historicas. Não torneis a levantar a sua espada manchada de sangue, mas tambem não a insulteis! Hoje estão os tempos mudados: não attingiremos á liberdade senão pela liberdade.

O tempo é de homens novos, partido novo, idéa nova. Ainda bem que o passado nos não prende de nenhum modo ás necessidades que nossos paes experimentaram. O sanguinolento passado das doutrinas revolucionarias obriga, pelo contrario, os liberaes que hoje estiverem no poder a exaggerar a tolerancia. O obstaculo ao triumpho das idéas verdadeiramente liberaes e sociaes está, como bem se sabe, no phantasma da dictadura. A sua força está em si. O unico de todos os partidos que reclama o suffragio universal, appella para meios de doçura, de pacificação, de persuação. N'isto continúa a tradição de seus paes. O fim das revoluções politicas e sociaes é o governo da liberdade.

Os realistas, com a sua bem conhecida boa fé, invocam até á saciedade os rigores da republica franceza, as cabeças que ella cortou, as cidades que assolou: mas tomam todo o cuidado em não dizer as grandes cousas que a revolução fez, os exemplos que deixou, as leis e instituições que debaixo da tempestade plantou. Esquecem o que não esquecia um dos seus, um grande homem é verdade, de Maistre; esquecem que a republica salvou o territorio francez da invasão estrangeira. E não é tudo; os exercitos republicanos levaram a toda a parte na ponta das baionetas a liberdade. Pela primeira vez no mundo se viu um povo fazer guerra aos outros povos, sem mais odio que á tyrannia. Em França, como fóra d'ella, a palavra de ordem era: morte aos castellos, paz ás choupanas! Sem uniforme, sem armas, sem munições de guerra, aquelles soldados-bandidos, como então lhes chamavam os realistas, quebraram a coalisão de todos os privilegiados. E teriam obrado taes prodigios aquelles humildes filhos da gleba; ter-se-hiam imposto tão inauditos sacrificios, privações de alimento e de vestido; resgatariam em toda a Europa o terror do cadafalso pelo terror da gloria, se por detraz do troar do canhão não repercutisse o echo da tribuna liberal! O que triumphou não foram os exercitos, foram os principios. Se a revolução foi representada nas fronteiras de França com bravura, foi porque os tribunos, morrendo na guilhotina, ensinavam os soldados a morrer nos campos de batalha.

IX

Ao mesmo tempo sacrificadores e victimas, os homens de 93 pagaram com o seu sangue essas poucas liberdades de que gozamos. Foram combates de gigantes os que sustentaram na tribuna, os odios atroadores e espumantes que arrostaram, os obstaculos que destruiram com suas mãos de ferro, os sacrificios que impuzeram á sua natural sensibilidade, as reações furiosas e sanguinarias que sustaram com o terror, os inimigos de dentro e de fóra que intimidaram com mui poucas forças, as reformas que introduziram nas leis, nas instituições, e nos costumes. As suas doutrinas podem resumir-sen 'algumas breves maximas.

«Não consintaes que no estado haja nem um infeliz, nem um pobre, que só assim tereis feito uma revolução.»

«A primeira lei social é a que garante a todos os membros da sociedade o meio de existir; todas as demais são subordinadas a esta.»

«Os males da sociedade nunca vem do povo, mas do governo: o interesse do povo é o bem publico: o interesse do homem que governa, é o privado. Para ser bom não carece o povo senão de se preferir ao que não é elle. Para ser bom é preciso que o magistrado se immole ao povo.»

«Até hoje a arte de governar não foi senão a arte de escravisar, e despojar o maior em proveito do menor numero: a legislação tem sido o meio de converter este systema em attentados.»

«Queremos substituir a moral ao egoismo, o desprezo do vicio ao desprezo do infortunio.»

Na vida dos homens da revolução a critica mais odienta nada tem podido descobrir, que não fosse conforme á probidade, ao desinteresse, á temperança. A esses homens, que sacrificaram não só a sua vida, que era pouco, mas a sua memoria; a esses violentos amigos da humanidade, que acabaram amnistiados pelo ferro dos assassinos, ou pela espada das leis, a liberdade, que muitas vezes feriram pela propria liberdade, lhes abre hoje os braços, dizendo: — Vinde, meus martyres!

X

Fallemos da relação que existe entre a revolução franceza, e a vida de Rousseau, que não só deu as suas idéas ao seu seculo, mas tambem o seu temperamento, as suas mudanças de genio e de fortuna.

A revolução começou tambem pelas *Charmettes*.

De 89 a 90 tudo era confiança, amor, expansão, festas e regozijos publicos. No Campo de Marte, um povo inteiro fraternisava debaixo das vistas de Deus. Marat, com o coração enternecido por estas scenas, exclamava: — «A minha sensibilidade não resiste a

isto: é felicidade de mais, que me faz succumbir.» Robespierre pedia, que afogassem a pena de morte n'estas ondas de alegria e emoção popular. Saint-Just dava seus bens á sua communa, dizendo: — «Já que todos somos irmãos, não deve mais haver um pobre entre nós.» O homem já não era estrangeiro para o homem ou para a natureza. As mulheres communicavam a este movimento o proprio encanto: abrazavam os corações com o seu amor patriotico. Sympathisava-se com a terra: era uma affeição universal.

Mais tarde, quando esse mesmo Campo de Marte foi pela mão da reacção manchado de sangue; quando as grandes intrigas dos emigrados e dos padres atearam a guerra civil; quando o territorio francez foi ameaçado pelos exercitos estrangeiros; quando a revolução calumniada, atacada de frente pelos seus mortaes inimigos, se viu perfida e tenebrosamente cercada pelos laços dos que se diziam seus amigos; chegou-lhe então o que chegára a João Jacques na velhice: tornou-se suspeitosa, melancholica, sobresaltada. Como o philosopho de Genebra exposto ás perseguições da auctoridade, ás machinações dos seus, carregou o seu espirito de temores e de phantasmas. Tudo se lhe tornou suspeito, até a propria amizade.

Negarão, que esta desconfiança não fosse provocada por perigos mui reaes?

Não condemnâmos os ultimos annos da vida de Rousseau, nem os seus tenebrosos juizos sobre os homens e sobre as cousas. Compadecemo-nos d'isso. O que accusâmos são as condições em que o puzeram seus inimigos implacaveis, os infortunios, as intrigas venenosas que o rodeavam, os tramas urdidos contra a sua segurança pessoal.

E será mui exigente pedir a mesma justiça para a revolução franceza?

O que os successos, mesmo provocando terriveis represalias, nunca puderam arrancar do coração de João Jacques, nem do coração da revolução, foi o sentimento da bondade. Mascarado pelas exigencias politicas, esse sentimento assumiu uma vez feições de colera e indignação. Vejam-se, porém, os resultados, e julguem-n'o.

Mutilada em mil campos de batalha, espalhando luz de suas feridas, a revolução, a despeito de suas violencias, passou sobre a terra fazendo bem. Achando no antigo regimen, segundo uma expressão de Robespierre — «cadafalsos e bastilhas para a virtude, e palacios para o vicio» demoliu os palacios, e levantou o cadafalso. Isto não era senão um rigor transitorio, um meio de restabelecer as cousas pela justiça. No fundo do coração, aspirava á alliança com os fracos, ao perdão das injurias, á federação dos trabalhadores, á reconciliação dos interesses no sentimento da egualdade; aspirava a fazer da nação franceza um povo de irmãos, e da humanidade uma familia.

XI

A calumnia, que nada tem poupado na revolução franceza, tem no entretanto respeitado o caracter dos seus soldados. Todos os partidos tem reconhecido o desinteresse, a coragem, o amor da patria, nos voluntarios que rechassaram para além das fronteiras da França os mugidos da invasão. Depois de 9 do thermidor, quando a noticia da grande hecatomba chegou aos exercitos, todos soltaram um grito de dor e maldição contra os auctores dos funestos successos d'aquelle dia. As bandeiras cobriram-se de lucto — «n'este interim, diz Mignet, cujo testimunho não é suspeito, a nova revolução de 9 de thermidor chegou aos exercitos. Porque eram inteiramente republicanos, temeram que a quéda de Robespierre não acarretasse a quéda do governo popular. Foi por isso que o souberam com manifesta desapprovação.»

A revolução franceza povoára a terra e o mar de milagres de patriotismo. A dedicação dos povos cresce com o sentimento da liberdade. Nunca se viu tantos homens, mulheres e crianças, apressados em sacrificar a vida. A patria tornára-se objecto de adoração. Nunca o sentimento da dignidade nacional se elevou mais nos corações, como desde aquelle dia em que cada cidadão, participando da soberania, creu morrer por si mesmo, morrendo por todos.

A poesia, a pintura, a musica, tudo proclamou a dedicação do navio *Vengeur*, que preferiu submergir-se nas ondas, a render-se á bandeira inimiga. Com o pavilhão pregado a cada um de seus mastros despedaçados pela artilheria, em grave recolhimento, com as mãos levantadas para o ceu, em presença do inimigo aterrado por tanto heroismo impassivel, sem que o Oceano lhes podesse extinguir o patriotismo, mulheres, crianças, velhos, todos, unidos n'um mesmo coração, n'um mesmo *viva*, levaram comsigo ao abysmo o mysterio dos futuros destinos da humanidade, que a nossa geração tem felizmente começado a ver desabrochar!

Oxalá que ainda lhe seja dado entrar de posse d'essa maravilhosa e tão suspirada herança de civilisação e liberdade!

BENARÉS.

Benarés, grande cidade da India ingleza, capital do districto do mesmo nome, está em 80° 42′ long. leste, e 25° 30′ lat. norte, na parte convexa d'uma curva descripta pelo Ganges. Em sanscripto chama-se Varanachi, palavra composta de *Vara* e *Nachi*, nome de dois rios. Differe, no aspecto geral, da maior parte das cidades da India. Tem muitos cáes e desembarcadouros ao longo do rio. Conta 12:000 casas, e 16:000 choças de leiva. O maior numero das casas é de pedra, de tres, quatro, cinco, e até de seis andares, não havendo nenhuma com menos de dois. Os tectos, mui pronunciadamente inclinados, são sustentados por travessas, graciosamente lavradas, e as frentes ornadas de varandas e galerias. A mór parte são enriquecidas de quadros pintados com vivas côres, representando homens, mulheres, animaes de toda a especie, e deuses do paiz com suas diversas fórmas e attributos. Algumas ruas tem largura para passagem de carruagem; mas a maior parte d'ellas só tem de largo dois metros ou dois metros e meio. Tortuosas, semeadas de pedras soltas, um cavalleiro não póde transital-as com segurança, e quasi todas são fechadas com portas, que só de dia se abrem.

Em Benarés não ha nem jardins, nem passeios, nem praças publicas, que mereçam tal nome. O que a cada passo se encontra são templos, geralmente pequenos, dispostos como nichos nos angulos das ruas, cobertos de esculpturas de flores e animaes, executadas com perfeição que nunca se admira demasiado. Entre outros distingue-se o templo de Visshisha, construido de pedra vermelha, ornado de bellas esculpturas, e soberbas columnas; logar de devoção, reputado tão sagrado, que os hindos crêem ter obrigação de o visitarem ao menos uma vez na vida. N'este templo, onde ha um touro de pedra, sempre se sustenta um vivo, como no templo de Apis no Egypto. O pagode, porém, é consagrado a Maha-Deva ou Chiva, adorado alli sob o symbolo d'uma pedra preta, commum a muitos povos antigos, e que parece remontar á origem mysteriosa dos aerólitos.

Não obstante a sua antiguidade, Benarés não tem edificios vetustos; apenas conta alguns pagodes anteriores ao tempo de Aurengzeb. Jacquemont diz, que este principe destruíra todos os edificios do culto

hindo, e sobre as ruinas do mais celebre levantára a grande mesquita, cujos dois minaretes dominam toda a cidade. Outr'ora era tambem digno de admiração o observatorio astronomico, fundado pelo rajá Djey-sing: hoje está em ruinas.

Afóra suas academias, e sociedades scientificas, Benarés tem um tribunal de segunda instancia, grande numero de escholas hindas e mahometanas, e uma universidade brahamana chamada vidalaya, cujos professores são pagos pelo governo inglez. Fabricas de seda, algodão, e lã; chales que recebe do norte ou que fabríca; musselinas de Dakka; mercadorias inglezas que lhe vão de Calcuttá, fazem d'ella um vasto emporio commercial, a que junta o commercio dos diamantes e pedrarias no qual não tem rival na Asia, e de que faz annualmente uma grande feira.

Benarés tem 200.000 almas, sobre uma área de tres milhas inglezas de comprimento, e uma de largo. É cidade mui tumultuosa. Touros mansos, consagrados a Chiva, circulam livremente pelas ruas, e milhares de macacos correm as habitações, saltam



Cidade de Benarés. — Gravura de Flora.

por cima dos telhados, e fazem contínua guerra aos vendilhões de fructa. A alta opinião de santidade de que Benarés goza na India, desde tempo immemorial, lhe attrahe uma grande população fluctuante de peregrinos e mendigos. Entretanto a policia é alli tão bem feita, graças a um corpo de officiaes, ou melhor guardas nacionaes em numero de 500, chamados chuprassis, eleitos pelo povo, que os crimes são lá mui raros.

O territorio de Benarés goza do melhor dos climas. Nunca a menor nuvem obscurece a constante serenidade do ceo. O orvalho da noite basta a fertilisar o solo, que dá tres colheitas por anno, carregando as arvores outras tantas vezes dos mais deliciosos fructos.

O districto de Benarés fez outr'ora parte de Allahabad, e no XI seculo era independente. Depois possuiram-no os reis de Ouda, e a datar de 1775 é possessão ingleza.

VIDA DE LORD BYRON

POR MOORE. [1]

(Estudo critico por Macaulay.)

I.

Lemos este livro com o maior prazer. Considerado meramente como composição, merece tomar logar entre os melhores exemplares de prosa ingleza que a nossa epocha tem produzido. Não contém, é evidente, uma unica passagem comparavel ás duas ou tres que poderiamos escolher da vida de Sheridan. Porém, avaliado no seu complexo, é immensamente superior áquella obra. O estilo é agradavel, claro e viril, e quando se eleva á eloquencia, eleva-se sem ostentação e sem esforço. Nem a substancia é inferior á fórma. Ser-nos-hia difficil citar um livro que denuncie maior bondade, candura e modestia. Foi evidentemente escripto, não com o fim de mostrar, o que, comtudo, elle frequentemente mostra, quão bem o seu auctor escrevia, mas como de revindicar, tanto quanto fosse compativel com a verdade, a memoria de um homem celebre, que não podia já defender-se a si mesmo. Mr. Moore nunca se apresenta entre lord Byron e o publico. Com uma tentação forte para ser egoista, nada mais diz de si do que aquillo que o assumpto absolutamente exige.

Uma grande parte, todavia, a maior parte d'estes volumes, constam de extractos das cartas e diarios de lord Byron; seria difficil louvar cabalmente o gosto e discernimento que houve na sua disposição e escolha. Não podêmos affirmar se alguma vez notámos n'estes tres espaçosos volumes uma anecdota que devesse ser omittida, uma carta que podesse ser supprimida, um nome que conviesse ser dissimulado por asteriscos ou asteriscos que mal correspondem ao proposito de occultar um nome. Porém é impossivel, n'um rapido exame, negar que a tarefa foi executada com grande prudencia e cordura. Quando nos recordâmos da vida que levou lord Byron, de como era petulante, irritavel e communicativo, não podêmos deixar de admirar a destreza com que mr. Moore conseguiu patentear o sufficiente do caracter e opiniões do seu amigo, com o menor aggravo para os sentimentos dos que ainda vivem.

Os extractos dos diarios e correspondencias de lord Byron tem summa valia, não só pela noticia

(1) *Letters and Journals of lord Byron with notice of his Life. By Thomas Moore, Esq.*

que nos dão ácerca do homem distincto por quem foram escriptos, porém por causa do seu raro merito como composição litteraria. As cartas, pelo menos as que foram enviadas de Italia, podem considerar-se as melhores da nossa lingua. São menos affectadas que as de Pope e Walpole; possuem mais substancia que as de Cooper. Sabendo que muitas d'ellas não foram escriptas unicamente para a pessoa a quem se dirigiam, mas que eram epistolas geraes, destinadas a ser lidas n'um numeroso circulo, esperavamol-as encontrar engenhosas e com espirito, porém deficientes no seu facil desalinho. Procurámos cuidadosamente exemplos de tensão na linguagem e de desleixo nas transições. Vimos agradavelmente frustrada a nossa expectativa: e devemos confessar, que se o estilo epistolar de lord Byron era artificial, era-o reproduzindo os raros e admiraveis dotes d'aquella arte superfina, que se confunde com a natureza.

Da profunda e penosa impressão que este livro produz ninguem, por um fragmento isolado, póde fazer perfeita idéa. Uma historia tão tenebrosa e triste raras vezes se encontra em qualquer obra de imaginação: e nós estamos pouco dispostos a invejar o moralista que o possa ler sem ficar applacado.

A engraçada fabula com a qual a duqueza de Orléans tentava descrever o caracter de seu filho, o regente, póde, com pequena differença, ser applicado a lord Byron. Todas as fadas, excepto uma, haviam sido convocadas em derredor do seu berço. Todas as comadres haviam sido prodigas em offerendas. Uma dera-lhe nobreza, outra engenho, a terceira formosura. O maligno genio, que não fora convidado, chegou por ultimo, e não podendo destruir o que suas irmãs haviam feito pelo seu valido, envolvêra cada benção com uma maldição. Na posição social de Byron, na sua mente, no seu caracter, em toda a sua pessoa, havia uma reunião disparatada de oppostos extremos. Nascêra com tudo o que os homens cubiçam e admiram. Porém a cada uma d'aquellas excellencias, com que se avantajava aos outros homens, estava ligada alguma cousa de misero e desprezivel. Proviera de uma casa, certamente antiga e illustre, porém degradada e empobrecida por uma serie de crimes e loucuras, que haviam alcançado uma publicidade escandalosa. O parente, a quem succedia, fallecêra pobre, e sem a misericordia dos juizes, teria ido morrer na forca. O moço par tinha grandes posses intellectuaes: comtudo havia uma parte viciada na sua intelligencia. Dotára-o a natureza de um coração generoso e bem inclinado; porém a sua organisação era caprichosa e irritavel. Possuia uma cabeça que poderia servir de modelo aos estatuarios; porém o seu pé era por tal modo disforme, que os gaiatos escarneciam d'elle nas ruas. Distincto conjunctamente pela finura e pela energia do seu entendimento, affectuoso, mas perverso, lord pobre, e homem gentil estropeado, elle carecia como nenhum homem ainda careceu, de uma direcção firme e judiciosa. Porém, se a natureza fôra com elle caprichosa, a pessoa a quem competia formar-lhe o caracter era mais caprichosa ainda. Passava de paroxismos de raiva a paroxismos de ternura. Umas vezes suffocava-o com affagos: outras vezes chasqueava a sua deformidade. Entrou no mundo: e o mundo tratou-o como sua mãe o tratára, umas vezes com enthusiasmo, outras vezes com crueldade, e nunca com justiça. Absolvia-o e premiava-o sem discernimento. Fôra verdadeiramente um filho mimoso e pervertido não menos de seus pais, do que da natureza, da fortuna, da gloria, e da sociedade. Os seus primeiros versos foram recebidos com um desprezo, que elles, apesar de frouxos, não mereciam inteiramente. O poema que elle publicou voltando das suas viagens, de outro lado, foi celebrado além do seu merito intrinseco. Aos vinte e quatro annos encontrou-se no mais alto vertice da gloria litteraria, com Scott, Wordsworth, Southey, e uma turba de outros distinctos escriptores abaixo do seu pedestal. Difficilmente se encontraria na historia exemplo de uma tão repentina elevação para tal vertiginosa eminencia.

Tudo quanto podia accender, e podia lisonjear as mais fortes inclinações da nossa natureza, a admiração das mais esplendidas e numerosas assembléas, as acclamações de uma nação inteira, os applausos de homens applaudidos, o amor de mulheres seductoras, o mundo, a final, e o que elle póde contar de gloria, se patenteavam conjunctamente a um mancebo a quem a natureza dera impetuosas paixões, e a quem a educação fallecia para as moderar. Viveu como vivem muitos homens que não podem ter egual desculpa para attenuar os seus erros. Porém os seus concidadãos e concidadoas queriam amal-o e admiral-o. Estavam decididos a ver meramente nos seus excessos a violencia e a audacia d'aquelle mesmo altivo espirito que inflammava a sua poesia. Atacou a religião: e comtudo nos circulos religiosos o seu nome era pronunciado com affecto: e em muitas publicações religiosas as suas obras eram censuradas com singular brandura. Satyrisou o principe regente: e comtudo não alienou de si os Torys. Dir-se-hia que tudo devia ser relevado á mocidade, á gerarchia, e ao talento.

Então appareceu a reacção. A sociedade, caprichosa na sua indignação, como fôra caprichosa na sua bemquerença, caiu enraivecida sobre o seu excentrico e mimoseado valido. Elle havia sido adorado com uma desarrazoada idolatria. Era agora perseguido com uma furia do mesmo modo desarrazoada. Muito se tem escripto sobre aquelle infeliz lance domestico que decidiu do destino da sua vida. Comtudo nada ha, nem nada houve então, positivamente revelado ao publico, senão que elle se desaviera com sua mulher, e que esta recusára viver com elle. Houve pareceres em abundancia, encolher de hombros e movimento de cabeça, e — «Basta, basta, nós bem sabemos» e «Eu poderia se quizesse» e «Se me deixassem fallar» e «Ha quem podesse dizer se quizesse.» Porém nós não temos noticia de que houvesse, perante o mundo, manifestado por provavel, ou ainda por tangivel testimunho, um unico facto demonstrando que lord Byron fosse mais digno de vituperio do que qualquer homem que vive em más termos com sua mulher. Os homens de profissão que lady Byron consultou eram sem duvida de opinião que ella não podia viver com seu marido. Devemos todavia reflectir que elles formavam a sua opinião sem ouvir ambas as partes. Nós não dissemos, e muito menos queremos insinuar, que lady Byron devesse por qualquer respeito merecer censura. Crêmos que os que a condemnam pelas provas que existem agora perante o publico são tão inconsiderados como os que condemnavam seu marido. Nós não pronunciâmos nenhum juizo, não podêmos, mesmo no fôro da nossa consciencia, formar conceito de um negocio que nos é tão imperfeitamente conhecido. E teria sido melhor que, no tempo da separação, todos aquelles que sabiam tão pouco da materia, como nós agora sabemos, mostrassem aquella indulgencia que, em taes circunstancias, não é senão justiça.

Não sabemos de nenhum espectaculo tão ridiculo como o publico britannico n'um dos seus accessos periodicos de moralidade. Em geral, as fugas conjugaes, os divorcios, e as rixas domesticas, passam com pequeno brado. Vemos o escandalo, fallâmos n'elle um dia, e esquecemol-o depois. Porém uma vez em cada sete annos a nossa virtude torna-se intolerante. Não podêmos consentir que as leis da decencia e da reli-

gião sejam ultrajadas. Procurámos levantar uma barreira que faça parar o vicio. Diligenciámos mostrar aos libertinos que o povo inglez aprecia devidamente a importancia dos laços domesticos. Por conseguinte um dado homem infeliz, a nenhum respeito mais depravado do que centenares d'outros, cujas offensas foram tratadas com lenidade, é escolhido para o sacrificio expiatorio. Se tem filhos, são-lhe arrebatados. Se tem uma profissão, expellem-no d'ella. As classes elevadas affastam-no do seu gremio, as classes inferiores tornam-no o alvo do seu odio. Transforma-se, para dizer a verdade, em uma especie de rapaz fustigado, por cujas acerbas agonias todos os outros transgressores do mesmo jaez são, ao que parece, sufficientemente castigados. Nós admirâmos depois com jubilo a nossa propria severidade, e comparâmos com grande orgulho o soberbo padrão de moral estabelecido em Inglaterra, com a devassidão parisiense. Por fim a nossa ira fica saciada. A victima está perdida e com o coração dilacerado. E a nossa virtude caminha socegadamente a dormir por outros sete annos.

(Continúa). L. DE M.

CONTO AMERICANO

Quando o formoso sol do estio do anno 1001 começou a destoucar de seus gelos de tantos mezes os erguidos cerros da Islandia, reuniu-se em sessão magna o governo d'aquella republica aristocratica para tratar de um assumpto de grande transcendencia.

Os filhos dos ousados navegadores da Norwega, que haviam descoberto e povoado a ilha do Gêlo, já, seguindo o exemplo de seus paes, tinham continuado a sulcar os mares do norte, e descoberto a Groenlandia, ou Terra verde; porém, infatigaveis e audaciosos, queriam ir agora mais longe em busca de novas terras, menos aridas do que a sua, onde podessem fundar colonias.

Era a approvação e auxilio dos magnatas da governança, que os pilotos Leif e Bium tambem reclamavam n'este momento, e que fazia reunir os illustres proceres da Islandia na humilde choça que lhes servia de capitolio.

Não tinha mais dignidade o doge e senado de Veneza no seu palacio de marmore, do que os nobres anciãos escandinavos na sua choupana de turfa. Ouvindo cuidadosamente a proposta dos nautas, o honrado Thorfinn Karlsefne, que presidia á assembléa, e que já navegára tambem, expoz com lucidez as vantagens que podiam resultar para a Islandia d'aquella aventurosa expedição, e votou por que todos os sacrificios se fizessem para a auxiliar.

A voz auctorisada de Thorfinn achou ecco em toda a casa, e a proposição foi approvada por unanimidade de votos.

Karlsefne mesmo, se encarrega de dirigir o arranjo das embarcações, escolher-lhes bons mareantes e remeiros, mantimentos para muitos mezes, e tudo o mais que podesse segurar o bom exito da longa viagem que Leif e Bium iam emprehender.

Quando tudo estava a ponto, e a boa estação no seu auge, reuniram-se os argonautas em roda do grosseiro monumento que cobre ainda hoje os restos mortaes de Ingulfo, o chefe guerreiro dos povoadores da Islandia; e ahi entregou o veneravel Thorfinn a bandeira do commando da expedição ao honrado Leif, filho de Eric o Roxo, descobridor da Groenlandia; dando-lhe por segundo o valoroso e intelligente Bium. D'ahi, seguidos de muito povo, foram os aventureiros ao altar de Thor, onde um sacerdote de Odin lhes deu a beijar o Edda, livro sagrado dos escandinavos.

Decididos a affrontar a morte como Baldur, o Achilles d'aquella epopéa do norte, os navegantes caminharam para a praia com rosto enxuto, entre as lagrimas, os soluços e as imprecações das mulheres, que reprovavam a expedição.

A terra que deixavam não lhes podia causar saudades! Ainda que n'esse tempo não fosse tão árida como hoje, que está quasi privada de vegetação, a Islandia, com seus gelos continuados, com seus precipicios tremendos, com seus volcões assustadores, com suas fontes de aguas ferventes, açoitada permanentemente pelas vagas do Oceano, não podia prender a navegantes intrepidos que levavam a mira em descobrir melhores climas.

Poucos eram os temerarios que se iam aventurar aos perigos do mar do norte, em duas pequenas e incommodas embarcações, de pesada manobra e ronceiras; mas de forte animo, e costumados a luctar com as tormentas, desfraldaram as velas, com rosto alegre, aquelles intrepidos marinheiros, e separaram-se da Islandia com os corações palpitantes de esperança.

Não lhes mentiu, segundo contam os chronistas escandinavos a quem seguimos n'esta narrativa, essa fagueira amiga do homem, que só o abandona no tumulo. Ao cabo de alguns dias de navegação, deixando já pela pôpa a Groenlandia, limite da descoberta de seus paes, avistaram uma terra risonha, a que deram o nome de Heluland, e que alguns suppõem ser a ilha da Terra nova.

Contentes com o achado, voltaram para a Groenlandia, e ficando ahi o filho de Eric, a reparar as avarias da sua barca, despachou Bium, com o outro navio para a Islandia, a levar a noticia da recente descoberta.

Porém o mar engulia a embarcação de Bium; e não foi possivel concertar-se para continuar a servir a barca de Leif; pouca navegação havia entre as duas ilhas possuidas pelos emigrados norweguezes; e portanto passaram-se annos sem que na Islandia houvesse novas da expedição, nem que Leif e seus companheiros soubessem o que se passava na patria.

Em fim, ao anoitecer de um dia do curto verão de 1007, os da expedição, que restavam com vida na Groenlandia, viram com alvoroço, no horisonte opposto áquelle onde o sol se mergulhava, tres pontos negros, que os olhos experimentados dos nautas reconheceram logo por tres navios.

O passado esqueceu como as illusões de um sonho; a esperança renasceu florida para aquelles desterrados.

Eram de feito tres embarcações islandezas, capitaneadas pelo velho Thorfinn Karlsefne, que demandavam a Groenlandia, e que na manhã seguinte fundearam n'uma pequena enseada da ilha.

Que alegria! Que feliz encontro!

Mas Bium?...

Nunca mais se soube d'elle.

O essencial, porém, era a descoberta, para aquelles grosseiros piratas do Arctico. Augmentada com Leif e seus companheiros, a tripulação das tres barcas subiu ao numero de 160 mareantes, todos valentes, e emprehendedores, que não quizeram tomar descanço algum na aspera Groenlandia, e fizeram-se de novo ao largo, continuando a navegar ao rumo do poente.

Alguns dias depois a mesma Heluland, descoberta por Leif, appareceu aos olhos de Thorfinn, e foi explorada pelos navegadores; mas, ainda não satisfeitos com a confirmação d'este achado, quizeram buscar novas aventuras, seguindo para occidente, e depararam com um formoso paiz, aonde brotava abun-

dantemente a vinha, e ao qual deram por isso o nome de Vinland; d'ahi, seguindo a costa, descobriram, outro bom abrigo, que denominaram Markland.

Era á terra de Labrador que tinham aportado?

Assim o diz a chronica.

Se foi, data do anno 1007 a exploração do continente americano.

Não respondemos pela veracidade do facto... mas tambem o nosso proposito não foi escrever memorias sobre a historia da America, e sim um *conto americano*.

Veiu o prologo no fim do capitulo; não tem duvida: é a melhor maneira de ser lido. Se ao leitor não desagradar, continuaremos a pôr em relêvo, n'uma serie de artigos, os principaes heroes do Novo mundo, e as façanhas dos grandes navegadores do occidente, embora algumas d'ellas possam ser contestadas com razões de maior ou menor força.

Ainda assim, acceitando a relação da chronica escandinava, não affiançâmos se com effeito Thorfinn Karlsefne fundou a colonia que projectava, na terra que se diz encontrada por elle. Um moderno auctor sueco affirma ter achado provas monumentaes do facto no districto de Assonet, estado de Massachussets (Estados-Unidos). Fique essa questão a cargo dos antiquarios.

F. M. BORDALO.



Gondoleiro veneziano. — Gravura de Coelho Junior.

Ainda os menos lidos não ignoram que Veneza, com ser uma das mais formosas e importantes cidades da Europa, é por ventura a que offerece ao viajante desprevenido um aspecto mais singular. De feito Veneza, a orgulhosa rainha do Adriatico, a famosa capital da republica que outr'ora assoberbou os mares com o peso das suas esquadras, e fez tremer as maiores nações com o seu poder e influencia politica, ao revez de todas as outras cidades do mundo, como que surge do seio das aguas; ruas não as ha alli, e em logar dos sumptuosos trens que percorrem as nossas ruas e praças, os pequenos e grandes canaes são constantemente cruzados por innumeros barcos ou *gondolas*, de fórmas elegantes e phantasiosas, tripulados por homens trajados de um modo mui pittoresco. A estampa representa um d'esses gondoleiros rigorosamente em *costume*. Pela elevação da estatura, airosa posição do corpo, e pureza de linhas frontaes, o *gondoleiro* que damos n'este desenho constitue de certo um excellente typo da boa raça veneziana.

P.

Explicação do enigma do numero antecedente.

Debalde o homem corre atraz da fortuna, se esta lhe foge.

LISBOA — Typographia de Castro & Irmão, rua da Boa Vista, 4 P.